



Travessias de conhecimento: notas sobre um ritual de integração transnacional na fronteira Brasil-Guiana.

Knowledge crossover: notes on a ritual of transnational integration on the Brazil-Guyana border.

Sandro Martins de Almeida Santos

<https://orcid.org/0000-0001-7829-1731>

Doutor em Antropologia Social. Professor do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima. Vice-Lider do Grupo de Estudos Migratórios na Amazônia-GEMA.

<http://lattes.cnpq.br/3261272117320047>

sandro.santos@ufrr.br

Paulo Ricardo Pinheiro de Andrade

<https://orcid.org/0009-0005-1375-8579>

Biólogo e divulgador científico. Professor da Escola Estadual Aldébaro José de Alcântara, em Bonfim-RR. Coordenador da ação pedagógica "Intercâmbio Intercultural das Escolas da Fronteira Brasil-Guiana".

<http://lattes.cnpq.br/7915172965147730>

pauloricardopinheirodeandrade@gmail.com

Resumo

Nosso objetivo é apresentar os desafios educacionais e políticos inerentes à realização do “Intercâmbio Intercultural das Escolas da Fronteira”, projeto executado anualmente por professores de escolas públicas de Bonfim (BR) e Lethem (GY), mobilizando instituições de ensino fundamental e médio dos dois países. Trata-se de atividade escolar que articula não somente estudantes e profissionais de educação das duas cidades, mas sim múltiplos níveis de integração transfronteiriça. O intercâmbio é tratado como um ritual de integração transnacional. Rituais mobilizam constelações de símbolos que dão sentido à vida coletiva. Aos professores, de ambos os lados da ponte que une/separa os países, cabe o papel de artífices de relações internacionais extra oficiais, afirmando as continuidades do cotidiano transfronteiriço face às discontinuidades colocadas pelas burocracias nacionais.

Palavras-chave

Intercâmbio escolar. Fronteira. Brasil-Guiana.

Knowledge crossover: notes on a transnational integration ritual on the Brazil-Guyana border.

Abstract

Our goal is to present the educational and political challenges inherent to holding the “Intercultural Exchange of Border Schools”, a project carried out annually by teachers from public schools in Bonfim (BR) and Lethem (GY), mobilizing primary and secondary education institutions from both countries. It is a school activity that combines not only students and education professionals from both cities, but multiple levels of cross-border integration. The exchange is treated as a ritual of transnational integration. Rituals mobilize constellations of symbols that give meaning to collective life. Teachers, on both sides of the bridge that unites/separates the countries, have the role of artisans of extra-official international relations, affirming the continuities of cross-border daily life in the face of the discontinuities placed by national bureaucracies.

Keywords

School exchange. Borderland. Brazil-Guyana.



1. Introdução

Bonfim, Roraima, fronteira da República Federativa do Brasil com a República Cooperativa da Guiana. Era uma ensolarada manhã de novembro de 2015, subimos no ônibus fretado pelos professores brasileiros para realizar a travessia entre os países. Estavam presentes estudantes e professores de uma escola estadual de Bonfim-RR e também alguns palestrantes convidados – professores e estudantes universitários das áreas de Química e Física – oriundos de outras unidades da federação. No trajeto, uma pequena parada na receita federal brasileira. Uma professora de dupla nacionalidade *Guy-Bras*¹ desce e cumprimenta os agentes federais aduaneiros. O motivo da travessia fora previamente informado e os trâmites já estavam acertados. Não há revista sobre pessoas e/ou equipamentos. A parada é breve e o ônibus segue viagem sem maiores inconvenientes. Ao cruzar a ponte sobre o rio Tacutu temos outra parada ligeira, desta vez, para fumegar os pneus do carro. Os guianeses suspeitam dos mosquitos “brasileiros” assim como os brasileiros suspeitam dos mosquitos “guianeses”. O veículo segue seu caminho e, passando pelo *cross-over*, agora trafega obedecendo a “mão inglesa”². Em menos de um minuto alcançamos o posto aduaneiro da Guiana. Novamente, a professora binacional desce e cumprimenta os agentes. Desta vez ficamos retidos por mais tempo. O antropólogo curioso olha pela janela e indaga se estamos enfrentando alguma dificuldade burocrática. Qual nada, o problema é que o ônibus não passa pela cancela feita para carros pequenos e somos obrigados a dar a volta no prédio governamental. O motorista já conhece bem o caminho alternativo que precisa tomar, por fora da cidade de Lethem, para evitar uma ponte de madeira que não aguentaria o peso do ônibus. O destino é a escola secundarista localizada na área indígena de Saint Ignacious, circunvizinha ao pequeno centro urbano³.

A travessia fez parte da programação do “IV Intercâmbio Intercultural das Escolas da Fronteira Brasil-Guiana” (ou somente *Intercâmbio*), evento que mobiliza instituições de ensino funda-

1 Assim são classificados popularmente os indivíduos nascidos na região da fronteira entre o Brasil e a Guiana e que mantém vínculos socioculturais com os dois lados.

2 O *cross-over* é a passagem de uma pista por cima da outra, invertendo o sentido do tráfego. Quem dirigia pela mão direita da rodovia, agora está na mão esquerda e vice-versa.

3 A escola secundária, no sistema guianense, abrange do 7º ao 12º ano de estudo, acolhendo preferencialmente estudantes de 11 a 16 anos de idade. O currículo é direcionado para o Certificado Caribenho de Educação Secundária, sistema partilhado com outros países anglófonos do Caribe.



mental e médio em Bonfim (BR) e uma escola secundarista em Lethem (GY). O evento é composto por palestras e oficinas oferecidas por professores e estudantes universitários de Roraima e de outras unidades da federação. As atividades são realizadas, primeiramente, nas escolas brasileiras e, numa manhã, aqueles convidados que dominam a língua inglesa vão se apresentar do outro lado da fronteira. A travessia é marcada pela troca de experiências entre os estudantes e professores brasileiros com os estudantes e professores da Saint Ignacious Secondary School, na cidade de Lethem, Região 9, na República Cooperativa da Guiana.

Este breve exercício etnográfico foi tornado possível pela parceria entre o professor P., biólogo-divulgador científico e idealizador-coordenador do evento, com o antropólogo S., pesquisador e professor universitário. Enquanto o segundo é responsável pela tarefa de produção textual, o primeiro contribui com a própria experiência de vida, seus projetos para as crianças e adolescentes da fronteira, sua confiança na multiplicação do conhecimento científico como ferramenta de humanização e promoção de melhor qualidade de vida, além de rigorosa crítica às interpretações oferecidas pelo antropólogo.

Foi aberta ao pesquisador S. a oportunidade de conhecer o caminho para realização do *Intercâmbio*, inclusive participando da elaboração do projeto para divulgação e captação de recursos. Foram facilitadas informações referentes à organização do evento e P. confidenciou suas amarguras e contentamentos face aos entraves e sucessos ao longo de sua empreitada. Escolhemos trabalhar os dados de campo desde uma perspectiva da análise dos rituais por entender que o Intercâmbio realizado anualmente reúne as qualidades de um “ritual de integração transnacional” (RIBEIRO, 2000), colocando em evidência sinais diacríticos de pertencimento a uma mesma comunidade transfronteiriça e suspendendo, por um curto período de tempo, algumas diferenças que separam os dois países. O Intercâmbio, enquanto ritual, reivindica a travessia pacífica e a troca de conhecimentos enquanto caminho (expectativa) para a construção de um futuro mais auspicioso para as pessoas que vivem dos dois lados da ponte Tacutu.

O texto não tem grandes pretensões além de apresentar de maneira preliminar as diferentes agências e poderes mobilizados na realização do evento, contribuindo com as reflexões interdisciplinares sobre a paisagem complexa que caracteriza as relações transfronteiriças Brasil-Guiana, bem como procura dar visibilidade aos desafios enfrentados pelos profissionais da educação no Brasil.



2. Situando o problema da “fronteira”

Sugerimos pensar as fronteiras nacionais como espaço-tempo de continuidades e descontinuidades. Uma fronteira é, ao mesmo tempo, lugar de abertura e fechamento para o outro. As diferenças linguísticas, políticas, técnicas, sociológicas, religiosas que demarcam os encerramentos de duas ou mais nacionalidades coexistem com o trânsito, o contato, o intercâmbio e a interculturalidade. Uma fértil literatura disponível admite que as diferentes fronteiras étnicas são constituídas enquanto processos dialógicos que enfatizam as diferenças e identidades (BARTH, 2000; CARDOSO DE OLIVEIRA e BAINES, 2005; BAINES, 2003). Nesses processos, é notável a existência de continuidades e descontinuidades nas relações entre um determinado grupo de pessoas e seus outros (inimigos ou aliados, vizinhos ou distanciados, visíveis ou invisíveis, etc.).

Em se tratando de Estados-nação, a fronteira implica continuidade e descontinuidade com outros países e com o próprio centro político-administrativo. Dizer que vivemos nas fronteiras do Brasil pode significar que o Brasil “acaba” logo ali, acentuando-se uma continuidade com o projeto nacional e uma descontinuidade em relação aos países vizinhos. Por outro lado, a fronteira também pode ser pensada como lugar de continuidade entre os vizinhos e descontinuidade com os centros nacionais (em virtude da distância relativa).

Tomemos como exemplo a região circum-Roraima⁴, onde está assentada a tríplice fronteira Brasil-Guiana-Venezuela. Esta pode ser pensada como uma região “integrada em seu relativo isolamento” (VASCONCELOS, 2013). Assim como os municípios brasileiros de Pacaraima e Bonfim (ambos em Roraima) estão distantes geográfica e administrativamente de Brasília (Distrito Federal), também as cidades de Lethem (Upper Essequibo-Upper Tacutu) e Santa Elena do Uairén (Bolívar) estão afastadas de suas capitais nacionais, respectivamente Georgetown (Demerara-Mahaica) e Caracas (Distrito Capital). Esse relativo isolamento pode ser medido em quilômetros e também em termos socioculturais.

Restringindo o nosso foco à fronteira entre Brasil e Guiana, observamos nas urbanizações de Bonfim e Lethem a forte presença de indivíduos Macuxi e Wapichana, falantes de Português e Inglês, mas também falantes de suas línguas maternas. Existem continuidades de parentesco entre os indígenas bem como descontinuidades políticas entre eles. Existem descontinuidades linguísticas

4 O centro de referência é o *tepui* (monte) Roraima, lugar sagrado para os povos indígenas Pemón e marco geopolítico/divisor de águas entre os países.



entre os países, porém continuidade comercial entre as populações. Existe descontinuidade demarcada pela presença dos exércitos nacionais, mas isto não impede a continuidade nas transações afetivas e amorosas entre os dois lados. O Intercâmbio das escolas ressalta a existência de continuidade na cooperação entre profissionais de educação num contexto de descontinuidade entre as políticas governamentais brasileiras e guianenses.

A presença das instituições estatais é algo fantasmagórica nas franjas entre os dois países. Os Estados existem enquanto uma força que não interrompe as relações imediatas com o “outro lado”, mas que se impõem enquanto territorialidade e como barreira potencial. Se voltarmos nosso olhar para as chamadas faixas de fronteira, elas podem ser pensadas enquanto “transfronteiras” (RODRIGUES, 2006). Este conceito enfatiza a continuidade e circularidade dos fluxos culturais, sociais, políticos e econômicos entre as ficções dos Estados-nação. Isto não quer dizer, contudo, que as nacionalidades e seus aparatos burocráticos percam totalmente a relevância ou sejam implacavelmente descontinuadas. Elas se fazem presentes e bastante reais na vida das pessoas “da fronteira” por meio dos documentos, legislações, policiamento, idiomas e outras tantas barreiras institucionais e também culturais acionadas com maior ou menor frequência.

Refletindo sobre esse duplo vínculo de continuidade e descontinuidade nas relações transfronteiriças, Mariana Pereira observa que na língua inglesa existe uma distinção entre dois termos empregados comumente como se fossem sinônimos em português: *frontier* (fronteira) e *border* (limites). *Frontier* é definida como o ponto de encontro entre duas nações; e *border* seriam os limites que acentuam a separação entre elas (PEREIRA, 2012). Uma vez que o cidadão brasileiro atravessa a ponte sobre o rio Tacutu, está sujeito à legislação guianense. Este é um limite explícito que, todavia, não provoca total descontinuidade entre os dois lados. As pessoas que se dizem “da fronteira” atravessam os limites com uma certa assiduidade, seja para estudar, trabalhar, dançar reggae, dançar forró, namorar, visitar os parentes ou mesmo para promover uma ação educativa.

Trazemos aqui uma pequena amostra dessa travessia. Trata-se de um evento de intercâmbio escolar promovido por professores de escolas públicas das cidades de Bonfim (Brasil) e Lethem (Guiana) e que articula não somente estudantes e profissionais de educação das duas cidades, mas sim múltiplos níveis de agência que vão desde a iniciativa individual até as relações internacionais, passando por universidades, políticas nacionais de educação, agentes de controle aduaneiro e um propósito de pretensões universalistas que é a divulgação científica.



3. O Intercâmbio das escolas da fronteira Brasil-Guiana: um ritual transnacional

A escola estadual Aldébaro José Alcântara, em Bonfim-RR, está inserida no “Programa Escolas Interculturais de Fronteira” (PEIF), anteriormente denominado “Projeto Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira” (PEIBF). Trata-se de política governamental, existente desde 2005, destinada à promoção de intercâmbio entre professores dos países fronteiriços, ampliando oportunidades de aprendizado e incentivando o diálogo com as diferenças culturais que caracterizam a paisagem local (LORENZETTI e TORQUATO, 2016; SOUSA e ALBUQUERQUE, 2019).

No escopo dessa iniciativa de caráter nacional, desenvolveu-se localmente o projeto pedagógico “Novos Espaços Educacionais: Construindo Possibilidades de Aprendizagens”, cujos objetivos são: i) promover ações educacionais visando a iniciação científica dos alunos da comunidade escolar; ii) incentivar as trocas de conhecimento entre os países fronteiriços; consolidar a integração das comunidades escolares; e iii) realizar divulgação científica para crianças e adolescentes, despertando o interesse pela ciência. Dentre as ações realizadas no contexto do referido projeto pedagógico, destacamos aqui o “Intercâmbio Intercultural das Escolas da Fronteira Brasil-Guiana”.

A noção de interculturalidade se assenta em uma perspectiva de “coexistência de culturas diferentes”. Para Néstor Garcia Canclini, “a interculturalidade remete à confrontação e entrelaçamentos, porque se trata de grupos entrando em relacionamento e intercâmbio, entre os quais a diferença estabelece relações de negociação, conflito e empréstimo recíproco” (CANCLINI, 1998, p. 40). Trata-se, no contexto da política educacional brasileira, do reconhecimento das diferentes línguas, etnias e sistemas de conhecimento que se fazem presentes na realidade nacional e, de maneira mais enfática, na realidade transfronteiriça. Tal reconhecimento da diversidade orienta a formulação de alternativas pedagógicas mais sensíveis às complexidades e assimetrias desses (des)encontros interculturais (BUMLAI et alii, 2014; LORENZETTI e TORQUATO, 2016; PEREIRA, 2007; SOUSA e ALBUQUERQUE, 2019).

A travessia, momento ápice do *intercâmbio*, é cercada de condicionantes burocráticas e dificuldades práticas para sua realização, como a necessidade de traduções simultâneas do inglês ao português e vice-versa. As relações travadas pela organização do evento com as burocracias nacionais revelou interessante aspecto da fronteira Brasil-Guiana, merecedor de um olhar mais aproxima-



do. De partida, foi possível perceber que a pouca institucionalidade do controle fronteiriço permite, por um lado, que a travessia ocorra sem grandes infortúnios, mas por outro, cria um ambiente de insegurança constante para aqueles que têm a responsabilidade de conduzir a comitiva. Ainda que prodigioso do ponto de vista educativo, o evento transcorre por vias não oficiais, que se pode dizer paradiplomáticas.

O conceito de paradiplomacia diz respeito à descentralização do protagonismo dos estados-nação oportunizada pelo avanço de formas transnacionais de interações econômicas, políticas e socioculturais. Pode ser entendido como “ações realizadas por atores não estatais no campo das relações internacionais, quer sejam eles governos não centrais ou outros agentes de natureza não governamental” (GOMES FILHO, 2011, p. 21). O estudo da paradiplomacia se dedica a conferir visibilidade e compreender o crescente fenômeno das negociações, acordos e eventos internacionais capitaneados por entidades subnacionais que podem ser regiões administrativas, empresas e outras instituições como uma escola estadual.

O *Intercâmbio*, enquanto ação paradiplomática, ganha vida na condição de um “ritual de integração transnacional” que mobiliza relacionamentos em múltiplos níveis entre agentes locais, regionais e nacionais (RIBEIRO, 2000). Vale mencionar que as ações paradiplomáticas podem ser “complementares, paralelas ou conflitantes com a diplomacia conduzida pelo governo central” (GOMES FILHO e VAZ, 2007, p. 112). No caso em tela, o *intercâmbio* conta com a transigência do vice-consulado brasileiro em Lethem que, por um lado, não se opõe à realização do evento, mas, por outro, nada faz para oficializar o trânsito internacional de pessoas, veículos e equipamentos.

O ato de atravessar fronteiras nacionais não se dá sem resistência. Ainda que o conceito de nação seja de natureza abstrata, ele se faz razoavelmente concreto por meio das diferentes burocracias estatais. A mobilidade e a comunicação transnacionais são mediadas pelas moedas, documentos e outros filtros (CROVETTO, 2015). O manejo da relação com as instituições nacionais (polícias, moedas, documentos, agentes fiscais, etc.) faz parte do cotidiano dos cidadãos de Bonfim e Lethem. Os moradores das referidas cidades-gêmeas lidam constantemente com as diferentes estruturas normativas do Brasil e da Guiana e possuem estratégias para se adequar ou se esquivar das legalidades, garantindo continuidade ao movimento de pessoas, coisas e informações.

A travessia da ponte já foi descrita na introdução. Chegando à escola, começam as trocas. Os brasileiros são recebidos de maneira respeitosa pelos professores da escola guianesa e olhados



com grande curiosidade pelas crianças e adolescentes. Os palestrantes foram distribuídos em diferentes espaços da escola e os estudantes separados conforme idade e complexidade do conhecimento a ser comunicado. Enquanto brasileiros palestravam em inglês sobre seus temas de pesquisa e faziam demonstrações de experiências científicas, meninos e meninas guianeses permaneciam atentos, manifestando-se apenas por meio de risos quando provocados pelos apresentadores.

Os jovens estudantes da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) participantes de programas de extensão universitária vibravam com a receptividade dos adolescentes guianeses. No laboratório de ciências foram realizadas demonstrações de experimentos químicos aplicados à ciência forense tais como: revelação de impressões digitais, princípios de funcionamento de um “bafômetro” caseiro, entre outros. Enquanto isso, professores da Universidade Federal do Ceará (UFC) realizavam palestras sobre cientistas famosos e apresentavam curiosidades reveladas pelas pesquisas sobre ilusões de ótica. No auditório da escola, um grande número de estudantes reunido em círculo experimentava pequenos choques elétricos estimulados em cadeia por uma “bola de energia” ou “bola de plasma”.

Os estudantes guianeses se demonstraram bastante disciplinados, acompanhando as apresentações com atenção e sem interromper os convidados. Tal comportamento chamou atenção dos professores brasileiros, acostumados com atos de indisciplina nas escolas. No ano de 2014 (ou seja, no ano anterior) fora convidado um professor de química, famoso divulgador científico brasileiro, que relatou em um *blog* suas impressões a respeito de uma percebida rigidez disciplinar entre os jovens. Suas reflexões não foram bem aceitas pela diretora da escola guianesa que rechaçou qualquer possibilidade de abuso nos métodos da sua escola. Em defesa da escola, o professor de ciências (que vive com a esposa brasileira em Bonfim) declarou que os guianeses investem na disciplina como uma forma de estimular a competitividade dos alunos, preparando-os para as durezas da vida em uma sociedade em transformação do rural e do indígena para o urbano comercial-industrial.

Desde o ponto de vista da análise dos rituais, todo evento marca uma certa temporalidade e configuração, nas sugestões de Arnold Van Gennep (1977), uma ruptura com o tempo da vida comum. Realizado anualmente no início de Novembro (no ano de 2023 acontece a 11ª edição), o intercâmbio das escolas já se tornou uma atividade esperada pela comunidade escolar de St. Ignacius⁵. Ainda que o trânsito entre as duas cidades seja cotidiano e muitas pessoas, como o professor de ciênci-

⁵ A edição de 2020 foi cancelada em função da pandemia de covid-19.



as, residam no lado brasileiro e trabalhem no lado guianense ou vice-versa; a chegada dos professores e estudantes brasileiros com suas curiosidades científicas marca um dia fora do tempo comum para meninas e meninos guianenses. Também para os brasileiros empenhados na organização, o ritual, preparado ao longo do ano inteiro, significa uma ruptura no cotidiano. As visitas de professores e alunos de um lado para o outro não acontecem com frequência.

Por outro lado, esse “tempo fora do tempo” é também ocasião para a comunidade celebrar a si mesma, reforçando seus laços de solidariedade e interdependência bem como demarcar as diferentes posições na hierarquia social (TURNER, 2005). Ao final daquela manhã, antes do retorno ao Brasil, a diretora da escola St. Ignacius fez questão de agradecer publicamente a iniciativa dos colegas brasileiros. Apesar dos limites aduaneiros que separam os dois países, o evento reafirmou a coabitação transfronteiriça e as dificuldades compartilhadas pela vida apartada dos principais centros políticos e econômicos de seus países. O formato do evento, enfatizando os papéis de educadores brasileiros e estudantes guianeses, marca uma posição do Brasil enquanto país dotado de situação econômica e política mais favorável em relação à vizinha Guiana. No caso, são os brasileiros que levam o conhecimento científico, provocando nos guianeses a livre obrigação de realizar alguma forma de contra dádiva (MAUSS, 2003)⁶.

Após as apresentações pelos professores e estudantes brasileiros, todos se reuniram no galpão/auditório da escola St. Ignacius. Os professores guianeses organizaram, do próprio bolso, lanches para retribuir aos visitantes. Após o lanche, houve uma apresentação musical da pequena orquestra de *steelpans* composta por estudantes⁷. A performance foi suficiente para mostrar que os guianenses também podiam oferecer algo valoroso aos seus visitantes. Se os brasileiros estavam ali para compartilhar seu conhecimento científico, importante no contexto escolar e dadas as dificuldades de acesso a recursos materiais na região 9 da Guiana; receberam em contrapartida um presente para alegrar o espírito e enriquecer o conhecimento sobre a cultura caribenha. De um lado, a ciência, com seu discurso universalista de progresso e “bem comum”; de outro, a arte, enquanto forma de resistência localizada/regionalizada.

⁶ Nas primeiras edições do *Intercâmbio*, os/as estudantes de Lethem também visitavam a escola do lado brasileiro. Esse deslocamento das crianças e adolescentes guianeses precisou ser interrompido tendo em vista que os professores da Guiana não acompanhavam seus alunos e os professores brasileiros não podiam assumir a responsabilidade sobre todos/as.

⁷ *Steelpans* ou *Steel drum* é um instrumento desenvolvido em Trinidad e Tobago. Trata-se, grosso modo, de tambores/galões de metal com o fundo habilmente amassado em pontos específicos para produzir uma ampla variedade de afinações graves, médias e agudas (AHO, 1987).



Enquanto ritual de integração transnacional ou transfronteiriça, o *Intercâmbio* mobiliza uma constelação de símbolos que têm, por objetivo, enfatizar a experiência compartilhada de viver a fronteira Brasil-Guiana bem como propagar o conhecimento científico.

4. Continuidades e discontinuidades antropológicas: redes de relações pessoais e relações institucionais

Aos professores, de ambos os lados da fronteira, cabe o importante papel como mediadores transnacionais e fomentadores de relações internacionais extra oficiais, paradiplomáticas. Ainda que as escolas sejam públicas, os governos locais, regionais ou nacionais nada fazem para facilitar a realização do evento. Não por falta de procura, mas por falta de interesse político mesmo. Destaca-se o voluntarismo do professor P. que, solitário, percorre Roraima e o Brasil em busca de palestrantes (divulgadores científicos e projetos de extensão universitária) e apoio para realização do evento. Nativo do Ceará, P. não é falante da língua inglesa, o que torna ainda mais complexa a situação, abrindo espaço para o protagonismo de outros professores que se autodenominam *Guy-Bras*, indivíduos com trajetória de vida e vínculos familiares que atravessam e conectam as realidades dos dois países.

É possível afirmar que a fronteira Brasil-Guiana está entre as menos institucionalizadas tomando-se como referência outras partes do Brasil: não há transporte rodoviário ou hidroviário autorizado para promover a travessia internacional cotidiana de trabalhadores e estudantes; assim como há pouca efetividade nas políticas nacionais ou regionais voltadas à cooperação na área educacional. Do ponto de vista institucional, existe uma discontinuidade entre Bonfim e Lethem, entre o Brasil e a Guiana, entre Roraima e o *Upper Tacutu-Upper Essequibo*, entre a Escola Estadual Aldébaro José Alcântara e a *Saint Ignacious Secondary School*. Do ponto de vista das pessoas, contudo, Bonfim e Lethem, Brasil e Guiana com suas subdivisões administrativas, bem como as escolas, fazem parte de uma mesma realidade compartilhada, uma continuidade marcada pela circulação diária de pessoas, coisas e informações. Essa continuidade é explicitada pelo ritual de integração transnacional.

Refletindo sobre as continuidades e discontinuidades que caracterizam a condição fronteiriça, desde novembro de 2015 até os dias de hoje, o antropólogo S. e o professor P. vêm mantendo contato constante. Esse educador protagoniza uma verdadeira saga “contra” o Estado, não no senti-



do de contraditório ao poder estatal, porém por sua independência perante os aparatos de poder centralizados. O intercâmbio existe em uma condição de paradiplomacia, não circunscrita pelas relações binacionais oficiais naquela região. O transporte de adolescentes, palestrantes e equipamentos brasileiros para a Guiana é realizado de forma não convencional, só é tornado possível pela mediação de amigos e parentes dos professores nos dois lados da ponte. Mediação que não certifica ou oficializa a travessia.

A saga de P. é justamente navegar na contramão da descontinuidade oficial. Ele é um agente da continuidade transfronteiriça e carrega o interesse pessoal de levar conhecimento científico brasileiro até os/as pequenos/as guianenses (e também brasileiros que estudam “do lado de lá”). O projeto tem como objetivo promover uma aproximação sociocultural a partir da troca de conhecimentos. Ao levar professores-pesquisadores e adolescentes de um lado para o outro, acredita-se estar promovendo o potencial de diálogo internacional e intercultural que existe nas faixas de fronteira, em especial nas chamadas cidades-gêmeas. Porém, para tirar o evento do papel, foi preciso se insubordinar e procurar meios locais para viabilizar o *Intercâmbio*, como acionar as redes de relações preestabelecidas entre os professores e os funcionários aduaneiros (parentescos e amigos de longo prazo). Se a política oficial separa dois países tomando como referencia o rio Tacutu; do ponto de vista das relações sociais, o mesmo rio Tacutu, compartilhado pelas populações das duas cidades, é um elemento de conexão e não de separação.

5. Considerações finais

Educar em contexto de interculturalidade implica lidar com as assimetrias político-econômicas que marcam o processo de encontro entre duas ou mais formas de pensar e agir sobre o mundo. Por meio do *Intercâmbio* das escolas foi possível apresentar vicissitudes da fronteira Brasil-Guiana como as diferenças entre a colonização inglesa e a portuguesa, marcadas pelos idiomas e pela organização do tráfego de veículos; bem como evidenciar a distância relativa das cidades fronteiriças face às capitais nacionais; ou ainda as distinções entre os dois estados-nação em sua trajetória pós-colonial. Unidade nacional mais antiga, o Brasil consegue se fazer mais presente na região por meio de suas escolas, hospitais e outros serviços públicos, desigualdade refletida na travessia promovida pelo intercâmbio escolar.



No caso do *Intercâmbio* fica visível a predominância dos brasileiros que mobilizam recursos financeiros, veículos e equipamentos com a missão de divulgar “a ciência” aos atentos estudantes guianenses. Há pouca mobilização da parte guianense para a realização da travessia. Isto não significa que o trânsito seja de mão única. Enquanto os brasileiros se apresentaram como porta-vozes de um sistema de conhecimento com pretensões universalistas, em retribuição os guianenses ofereceram um fragmento de sua arte e história locais. Os visitantes foram introduzidos ao instrumento musical que, nos anos 1960, serviu como arma de resistência anticolonial nos países caribenhos (AHO, 1987).

Graças ao contato continuado com o prof. P., foi possível ao antropólogo perceber quais são e como operam diferentes agências emaranhadas neste complexo de relações internacionais paradiplomáticas. Trata-se de uma intensa negociação de fundo político que mobiliza múltiplas escalas que vão desde o individual e o local até o nacional e o transnacional. Evidentemente, as continuidades e descontinuidades entre Bonfim e Lethem não se limitam às redes de relações pessoais e aos constrangimentos institucionais. O Intercâmbio das Escolas da Fronteira coloca em evidência outras diferenças como “pensamento científico” e “pensamento indígena”; “sistema educacional brasileiro” e “sistema educacional guianense”, entre outras variações a serem exploradas em outra oportunidade.

No presente exercício etnográfico o nosso foco foram as continuidades e descontinuidades relativas ao planejamento e execução do *Intercâmbio*. Chamamos atenção, repetidas vezes ao longo do texto, para o descaso dos poderes públicos locais, regionais e nacionais no tocante à promoção do evento. Foram destacadas iniciativas individuais dos professores e as relações interpessoais que, por sua vez, dão a conhecer a baixa institucionalidade daquela faixa de fronteira. Não se trata de uma crítica pontual, sobre acontecimento isolado. A crítica decorre, porém, da necessidade de conferir visibilidade à falta de políticas públicas destinadas à integração sociocultural das populações residentes nas cidades-gêmeas que conectam e/ou separam Brasil e Guiana.

O professor P. circula por Roraima, Amazonas e outros estados em busca de parcerias para a realização do evento, mas não encontra, contudo, o apoio diplomático necessário para uma melhor execução de seus planos. O Intercâmbio das escolas da fronteira é conduzido a uma certa condição de clandestinidade. O relativo abandono institucional dessa fronteira pode ser exemplificado pelo



frágil controle aduaneiro que vem permitindo a travessia de conhecimentos acontecer da maneira informal e “fora da lei” como vem sendo realizada nos últimos anos.

Esperamos que essa comunicação venha contribuir para o debate sobre os desafios enfrentados pelos profissionais de educação no Brasil, sobretudo em localidades distanciadas dos principais centros políticos e econômicos. É preciso evidenciar o investimento individual de tempo, energia, dinheiro e saúde por parte do professor P. que, obstinadamente, não desiste de sonhar e costurar parcerias para construir novas possibilidades de aprendizagem para estudantes dos dois lados da fronteira Brasil-Guiana.

Referências Bibliográficas

AHO, William R. Steel Band Music in Trinidad and Tobago: the creation of a people's music. *Latin American Music Review*, v. 8, n. 1, 1987, pp. 26–58. <https://www.jstor.org/stable/948067>

BAINES, Stephen. Os índios makuxi e wapichana e suas relações com estados nacionais na fronteira Brasil - Guiana. *Série Antropologia*, v. 338, 2003, pp. 1-20.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. in: Fredrik Barth. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BUMLAI, Danielle; OLIVEIRA NETO, Antônio e BILANG, Elizabeth. 2014. Escolas de Fronteira: espaço de construção intercultural de identidade fronteiriça. *GeoPantanal*, n. 17, jul/dez 2014, pp.47-57.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen (orgs.). *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras*. Brasília: Editora UnB, 2005.

CROVETTO, Gonzalo Díaz. Entre lugares y documentos: problematizando el desplazamiento y las condiciones transnacionales del viaje y del trabajo de tripulantes corralesños. *Antipoda - Revista de Antropología y Arqueología*, n. 23, 2015.

GOMES FILHO, Francisco. *A paradiplomacia subnacional no Brasil: uma análise da política de atuação internacional dos governos estaduais fronteiriços da Amazônia*. Tese de Doutorado em Relações Internacionais e Desenvolvimento Regional. Brasília: IRI/UnB, 2011.

GOMES FILHO, Francisco; VAZ, Alcides Costa. A paradiplomacia no contexto da Amazônia brasileira: considerações teórico-empíricas. *Revista Múltipla*, n. 23, v.17, dez/2007, pp. 105-120.



LORENZETTI, Alejandro e TORQUATO, Cloris. O Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF) como política linguística. *Matraga – Estudos Linguísticos e Literários*, n. 38, v. 23, jan/jun. 2016, pp. 83-104. <http://dx.doi.org/10.12957/matraga.2016.20785>

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. in: Marcel Mauss. *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 183-314.

PEREIRA, Mariana Cunha. A escola da fronteira: diversidade e cultura na fronteira Brasil-Guiana. *Inter-Ação - Rev. Fac. Educ. UFG*, n. 32, v. 2, jul./dez. 2007, pp. 345-361.

PEREIRA, Mariana Cunha. Border or Frontier: a discussão sobre fronteira, cultura e identidade segundo etnografias na América Latina. in: Francilene Rodrigues e Mariana Pereira (org.). *Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A condição da transnacionalidade. in: Gustavo Lins Ribeiro. *Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Editora UnB, 2000, pp. 93-130.

RODRIGUES, Francilene. Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, pp. 197-207.

SOUSA, Flávia Alves de; ALBUQUERQUE, José Lindomar. Nação e integração nas escolas de fronteira: a mobilidade docente e a aprendizagem das línguas nacionais entre o Brasil e a Argentina. *Etnográfica [on-line]*, v. 23, n. 3, 2019. <https://doi.org/10.4000/etnografica.7313>

TURNER, Victor. *Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu*. Niterói: Eduff, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. *Articulações familiares transnacionais: estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Recife: PPGAS/UFPE, 2013.

Artigo submetido em 16/09/2023, aceito em 15/11/2023 e publicado em 10/12/2023.

